



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

JOSÉ TECA PEREIRA

**O PAPEL DA TELEVISÃO PÚBLICA DE ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES CULTURAL E NACIONAL: AS TELENOVELAS BRASILEIRAS E
SUAS INFLUÊNCIAS.**

REDENÇÃO - CE

2021

JOSÉ TECA PEREIRA

**O PAPEL DA TELEVISÃO PÚBLICA DE ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES CULTURAL E NACIONAL: AS TELENÓVELAS BRASILEIRAS E
SUAS INFLUÊNCIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daniele Ellery Mourão

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniele Ellery Mourão
(Orientadora / IH UNILAB)

Prof.^o Dr.^o Carlos Subuhana
(Examinador / IH UNILAB)

Prof.^o Dr.^o Igor Monteiro Silva
(Examinador / IH UNILAB)

REDENÇÃO – CE

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

**O PAPEL DA TELEVISÃO PÚBLICA DE ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES CULTURAL E NACIONAL: AS TELENÓVELAS BRASILEIRAS E
SUAS INFLUÊNCIAS.**

JOSÉ TECA PEREIRA

Data da aprovação: ____/____/____ Nota: ____

RESUMO

O presente projeto pretende abordar o papel da Televisão Pública de Angola (TPA) na construção das identidades, nacional e culturais, com foco nas telenovelas brasileiras veiculadas no país e suas influências nas incorporações e/ou recriações de padrões culturais vindos de fora entre a juventude angolana que vive na capital, Luanda. Busca refletir sobre os conceitos de cultura e identidades para compreender de que maneira essas novelas podem persuadir no comportamento dos indivíduos em relação a interação com a cultura, observando a importância que a televisão pública tem na construção, divulgação, reconhecimento e valorização de uma determinada identidade cultural. A pesquisa terá como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa. Na primeira etapa será realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema, refletindo sobre outras pesquisas, enunciados de telenovelas, trabalhando previamente com livros, artigos, dissertações, teses e outros materiais que abordem a temática da pesquisa. Na segunda etapa será realizada uma pesquisa de campo, utilizando como técnicas a observação participante e entrevistas semiestruturadas com jovens angolanos que são consumidores das novelas brasileiras.

Palavras-chave: Televisão de Angola; Novelas Brasileiras; Identidades Cultural e Nacional.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Jeová Deus, pelo fôlego de vida, e por tudo que tem feito para mim durante este período de formação, aos meus pais por continuarem a me apoiar mesmo diante de muitas dificuldades.

Agradeço ao arquiteto Mbissi Sebastião Ailton, junto da sua esposa Horeth Matilde Sebastião, por tudo que fizeram por mim, para ingressar nessa jornada acadêmica.

Agradeço também a minha orientadora, a professora Dra. Daniele Ellery Mourão, a quem agradeço por ter se disponibilizado a me orientar nesse trabalho, pelas correções e a atenção que deu, sempre buscou em auxiliar na escrita desse projeto da melhor forma possível.

Obviamente também não posso esquecer, meus amigos, parentes e familiares, pelo apoio incondicional, obrigado, muito obrigado pelo silêncio quando eu reclamava e obrigado também pelas suas palavras de estímulo quando calava. Nessa grande batalha, creio que a vitória também é de vocês...

Muito obrigado!!!

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO/ INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS DE PESQUISA	10
2.1 Objetivo Geral	10
2.2 Objetivos Específicos	11
3. JUSTIFICATIVA	11
4. DISCUSSÃO TEÓRICA	19
5. REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	27
6. CRONOGRAMA	30
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. APRESENTAÇÃO/ INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa pretende abordar o papel da Televisão Pública de Angola (TPA) na construção das identidades, nacional e cultural, com foco nas telenovelas brasileiras veiculadas no país, analisando de que forma as novelas brasileiras influenciam a juventude angolana que vive na capital, Luanda. Busca refletir sobre os conceitos de cultura e identidades para compreender de que maneira essas novelas podem persuadir no comportamento dos indivíduos em relação a interagir com a cultura e até produzir novas identidades com a recriação de novos códigos culturais, modificando hábitos e costumes predominantes numa sociedade, no modo como se vestem, falam e interagem uns com os outros.

Hoje se agente para e observa a juventude angolana, conseguiremos perceber um certo diferencial no modo de falar, vestir, de se dirigir a um mais velho, no comportamento em geral, em relação aos nossos hábitos e costumes passados pelos nossos avós aos nossos pais. São várias influências a nível do mundo, vindas com o advento da globalização e o mesmo não tem sido diferente na sociedade angolana. Essas influências, de padrões e valores vindos de fora, têm sido transmitidas e/ou impostas por diferentes meios desde a colonização até hoje. Um dos veículos importantes de transmissão de modelos culturais e sociais internos e externos é a comunicação midiática por meio da TV. Nesse projeto, destaco como foco de interesse e objetivo refletir sobre a veiculação de telenovelas brasileiras que são exibidas diariamente, contando com grande audiência dos angolanos e angolanas, sobretudo na capital, por meio da Televisão Pública de Angola¹.

Desde a infância percebi como as telenovelas, principalmente as brasileiras, têm uma grande influência na sociedade angolana, isto é notável observando a programação estabelecida pela Televisão Pública de Angola, que exhibe as novelas de segunda a sexta-feira, sendo reprisadas nos finais de semana os episódios que passaram ao longo da semana.

A primeira novela brasileira foi exibida pela televisão angolana após a independência, a novela “Gabriela Cravo e Canela”, adaptada da obra literária de Jorge Amado (LOURENÇO, 2017, p. 6), e desde então as telenovelas brasileiras têm demonstrado exercer uma grande influência do ponto de vista social e cultural em Angola. Quando eu era adolescente lembro de

¹ Angola é um país da costa ocidental da África, foi uma colônia portuguesa, atualmente é constituída por 18 província, tendo Luanda como a capital.

como as minhas tias, primas e meus pais gostavam de assistir novelas. Meu pai sempre gostou de assistir telenovelas na companhia da minha mãe, invés de assistir jogos, embora isso não seja comum em Angola, os homens gostarem tanto de novelas. Na época comentavam muito sobre a novela Xica da Silva, uma novela brasileira produzida e exibida pela Rede Manchete. Era notável ver as minhas primas, bem como outras jovens refletindo, incorporando, modos segundo aquilo que elas observavam na novela por parte da atriz principal, Taís Araújo. Costumavam andar semelhante ao modo como ela andava na novela que parecia “tá gingar”, ao modo de falar (com sotaque brasileiro), bem como passaram também a usar roupas semelhantes às da personagem representada pela atriz, que com o tempo se tornou uma moda entre as jovens em Luanda.

Isso levou-me a questionar, como as novelas brasileiras poderiam influenciar nos padrões sociais, de beleza, nos valores da juventude e na sociedade angolana no geral, e em que medida essas incorporações de valores externos seriam prejudiciais ou não? Outro questionamento era se isso teria relação com o processo de globalização, e qual seria a alternativa ao excesso de propagandas, novelas, leituras que carregam e/ou mesmo impõem modelos vindos de fora? Como Chimamanda Adichie, na sua obra quando fala sobre “O perigo da história única”, aprendemos a importância de olhar para nossa própria história, nossos próprios heróis, nossos próprios cineastas, escritores, para a nossa própria cultura. Então, qual seria a medida dessas representações e incorporações de fora que são projetadas na e para a sociedade?

Assim como a novela Xica da Silva, muitas outras novelas passaram a ter uma grande influência principalmente na camada jovem, tais como, Malhação (1995), O clone (2001), Dá cor do Pecado (2004), Cobras & Lagartos (2006), Caminhos do Coração (2007), Caminho das Índias (2009), Avenida Brasil (2012), Balacobaco (2012), etc. Essas novelas, que são transmitidas ainda hoje, nos deixam tão envolvidos com as encenações dos atores e das atrizes que muitos até se apelidam com certos nomes das personagens. Não o bastante, até mesmo foram atribuídos nomes de novelas brasileiras a certas ruas, bairros, mercados e outros locais, como é o caso do antigo mercado da Boa Vista. Mais tarde o mercado ainda foi apelidado de Roque Santeiro, inspirado em outra novela brasileira, de mesmo nome, vinculada pela TV Pública de Angola, e produzida pela Rede Globo. Lourenço (2017) analisou a razão dessa representação:

Mito de Roque Santeiro, por exemplo, cujo personagem principal se impôs a missão de defender a igreja de Asa Branca da profanação do bando de Navalhada poder (...) inspirada na intricada realidade do nordeste brasileiro, corporificou-se num mercado informal, que congregava mais de 4 mil vendedores, oriundos de várias regiões de

Angola e de países vizinhos como a República Democrática do Congo. Roque Santeiro falava no íntimo dos angolanos, das suas batalhas, traumas e ansiedades. Do sentimento de frustração diante da independência conquistada com muito sacrifício, mas que não trouxera a paz nem bem-estar tão sonhados. Inclusive Roque Santeiro profetizava com alguma antecipação, isto em 1986, fatos que só viriam a ocorrer de forma dramática em Angola em 1992 (LOURENÇO, 2017, p. 106).

Mediante a citação acima, o autor nos mostra que mesmo após a exibição da novela entre 1985 e 1986, foram surgindo outros mercados informais, cujos nomes eram retirados das novelas tais como Asa Branca e Beato Salú, outras duas obras brasileiras. O autor destaca, que mesmo depois de passarem mais de 20 anos desde a primeira exibição da telenovela Roque Santeiro, ainda é comum ouvir angolanos/as que na época assistiram essa novela, “a cantar, assobiar a melodia da trilha que animou as noites angolanas, num momento extremamente difícil da história de Angola marcada pelo agravar da violência e da insegurança”. (LOURENÇO, 2017, p. 106).

Assim, a escolha em analisar as telenovelas exibidas pela TV pública de Angola e suas influências na construção das identidades (nacional e culturais), parte primeiro da minha experiência subjetiva, como jovem angolano, nascido em Luanda, observando o modo como as pessoas ao meu redor (familiares, amigos, colegas, etc.) passaram e ainda passam a reproduzir modelos e padrões culturais externos à sociedade.

Desse modo, se observa que a mídia e os programas estrangeiros como as telenovelas que são transmitidas principalmente pela televisão pública, que é o segundo meio de comunicação mais usado no país, (sendo primeiro o rádio), e que, ao meu ver, deveria ter como um dos objetivos principais valorizar e propagar a cultura nacional, sendo ela pública, teria a responsabilidade de contribuir significativamente com a valorização, divulgação e fortalecimento das identidades nacionais e culturas locais.

Em Angola é muito comum as famílias se reunirem durante as noites diante da TV para assistirem uma determinada programação televisiva tal como telejornais, novelas, filmes e outros programas de entretenimento, e mesmo quem não tem televisão em casa pode ainda assistir na casa dos vizinhos. A sociedade é bombardeada por diferentes conteúdos que são transmitidos, principalmente pelas telenovelas, que na sua maioria são brasileiras², deixando assim escapar, a valorização e divulgação de programas que poderiam ser de grande valor para a sociedade angolana, para a sua própria identidade cultural. Em uma matéria do jornal Agência

² Além das brasileiras, também são exibidas novelas mexicanas como La usurpadora (1998), Gata Selvagem (2003), Ruby (2004), A madrasta (2005), Acorralada (2007), etc., bem como as próprias novelas angolanas: Revire e Volta (2002), Minha Terra minha Mãe (2006), Doce Pitanga (2009) entre outras.

Angola Press (ANGOP)³ sobre o tema das novelas brasileiras em Angola, observa-se o depoimento de um professor universitário que disse que “infelizmente são transmitidos conteúdos totalmente diferentes dos hábitos e costumes que são comuns ao povo, com a veiculação de conteúdos que até mesmo chocam-se diante da realidade sócio cultural angolana” (ANGOP, 2010). Como frisou Chimamanda, ainda sobre “O perigo da história única”, ela fala que não se identificava com as personagens dos livros que lia, pois eram brancos e de olhos azuis que brincavam na neve, porque refletia uma realidade diferente da dela enquanto africana. Isso leva-nos a questionar sobre os conteúdos das novelas brasileiras, com ideias e padrões culturais exteriores à sociedade e suas possibilidades de diálogo ou não com a cultura local.

Por meio dessas reflexões acima, surge desse modo os seguintes questionamentos: podemos encarar esse fenômeno da incorporação de modelos por meio dos conteúdos transmitidos pelas novelas brasileiras como uma imposição de valores exteriores ao cotidiano da sociedade? Ou haveria alguma possibilidade de identificação e diálogo cultural entre as duas sociedades e suas culturas como já apontado acima por Lourenço (2017)?

Neste sentido, a questão da pesquisa é observar e analisar quais as influências que as telenovelas brasileiras têm na sociedade angolana (sobretudo na camada jovem), buscando entender como atualmente a juventude é influenciada por essas novelas, seus enredos, narrativas e personagens em seus padrões culturais, procurando ainda compreender se essas influências significam dizer que as pessoas deixam suas identidades culturais e nacionais de lado para assumir identidades estrangeiras.

A partir das questões colocadas na introdução discorrerei ao longo do projeto sobre a justificativa, discussão teórica (observando a importância da pesquisa para refletir sobre os principais conceitos destacados de cultura e identidade) e metodologia da pesquisa.

1. OBJETIVOS DE PESQUISA

2.1 Objetivo Geral

Abordar o papel da Televisão Pública de Angola (TPA) na construção das identidades, nacional e cultural, buscando entender de que forma as telenovelas brasileiras influenciam na recriação de padrões culturais da juventude angolana que vive na capital, Luanda.

³ ANGOP, é a agência de notícias oficial do Estado angolano.

2.2 Objetivos Específicos

Analisar como atualmente a juventude é influenciada por essas novelas (seus enredos/narrativas e personagens) em seus padrões culturais.

Compreender de que maneira essas novelas podem persuadir no comportamento dos indivíduos em relação a interagir com a cultura e até produzir novas identidades com a recriação de novos códigos culturais.

Observar se essas influências significam dizer que os angolanos/as deixam suas identidades culturais e nacionais de lado para assumir as estrangeiras.

2. JUSTIFICATIVA

A Televisão Pública de Angola, foi fundada 27 de junho de 1973, segundo Antônio Guide (2007) realçou na sua obra “Uma análise do Modelo de TV Pública de Angola”, a sede da emissora fica no setor dos ministérios, em Luanda, foi nacionalizada em 25 de junho de 1976 pelo “regime marxista” que se instalou no país, após a independência. “Mas foi somente a partir de 1979 que a rede de TV começou a ter produção regional, inicialmente em duas províncias, Benguela e no Huambo” (GUIDE, 2007, p. 138).

De acordo com o IGAPE⁴ (Instituto de Gestão de Activos e Participações do Estado), atualmente, a TPA está presente nas 18 províncias angolanas, emitindo o sinal em alta, média e baixa potência. Em 2012 foram inaugurados novos estúdios situados nos arredores de Luanda, na periferia da urbanização de Camama, sendo concebido de forma a integrar todas as necessidades de um equipamento de produção televisiva numa área restrita.

A Televisão Pública de Angola (TPA) é a principal emissora do país, e o segundo meio de comunicação mais usado, a qual é representada por 3 canais: TPA1, generalista em conteúdos e principal da estação; TPA 2, se destaca na veiculação de telenovelas (dentre elas as brasileiras, mexicanas, turcas), filmes, comerciais e outros programas de entretenimento.

⁴Ver: <https://igape.minfin.gov.ao/PortalIGAPE/#!/participacoes-do-estado/empresas-publicas/5695/tpa-televisao-publica-de-angola> Acesso em 9 de outubro 2020.

Na TPA2 também é veiculado o telejornal que é reprisado do canal 1; e a TPA Internacional tem a finalidade de manter os angolanos conectados com o exterior, além de mantê-los atualizados em relação aos assuntos do país na sua relação com a diáspora angolana, destacando-se ainda pela sua parceria com outras televisões de outros países tais como, televisões brasileiras (Rede Globo, Record e SBT), portuguesa (RTP, SIC), turca e mexicana na elaboração e exportação de séries, novelas, bem como de diversos outros programas de entretenimento.

Sobre as telenovelas brasileiras em África, tema que irei me debruçar na pesquisa, destaco o trabalho de Jade Lopes (2016) que vai refletir sobre a categoria de “poder brando” (no sentido referido por Joseph Nye) e de “Indústria cultural” por meio do consumo de telenovelas brasileiras nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Concentrando seu estudo mais especificamente em Angola, Moçambique e Cabo Verde, a autora busca observar a “influência cultural” dessas novelas nesses países a partir desse consumo.

A autora traz o conceito de “poder brando” para refletir acerca do poder (uma forma mais sutil de poder) “como ferramenta de reprodução da cultura de um país para fora de suas fronteiras, como forma de divulgar seu estilo de vida e seus valores, a fim de gerar admiração e simpatia por parte dos povos de outras nações.” (LOPES, 2016, p. 12).

Em relação aos produtos culturais, Jade Lopes (2016) destaca que as mensagens passadas pela indústria cultural (e suas peças publicitárias) não são apenas mercadorias comuns, pois carregam em si valores simbólicos que refletem na audiência de quem os consome, influenciando profundamente na vida das pessoas. Para Lopes, os filmes, as novelas, as músicas tocadas nas rádios e mesmo as peças publicitárias transmitidas diariamente nos meios de comunicação são elementos que contribuem para a formação das identidades individuais e coletivas dos consumidores desses produtos culturais.

Quanto ao impacto das telenovelas brasileiras, é importante realçar o trabalho de Orlando Muhongo (2017, p.37), intitulado “O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses”, em que o autor debate a questão da identidade cultural angolana considerando como sendo um fenômeno em permanente construção “devido à aculturação e as migrações de povos, perspectiva histórico-antropológica, aos movimentos migratórios dos povos Bantu”. É interessante como o autor relaciona a colonização com os meios de comunicação em massa propriamente a televisão no processo da dominação cultural.

De facto, a colonização revelou-se, acima de tudo, como um projeto de dominação cultural exercida atualmente através dos meios de comunicação e de difusão cultural,

como a televisão, produzidos e controlados pelos países desenvolvidos tecnológica e economicamente. Aliada do cinema e com alcance global, a televisão afigura-se atualmente como um meio de disseminação da cultura Ocidental inserido na estratégia de uniformização cultural. É dado adquirido que este meio de comunicação de massas possui um enorme poder de persuasão e de manipulação (MUHUNGO, 2017, p. 3).

Os países em franco desenvolvimento tecnológico e económico, para Muhungo, seriam os estariam mais sujeitos a incorporação de hábitos e costumes ocidental por conta do poder que os meios de comunicação de massa têm em persuadir, manipular e impor valores sociais. Segundo o autor, “a ânsia pelo consumo de telenovelas brasileiras caracteriza o comportamento de muitos cidadãos, e, em muitos casos, continua a ser o fator determinante para a adesão aos serviços de televisão por satélite”, com objetivo de ter mais acesso às telenovelas para além daquelas que são transmitidas pela Televisão Pública.

Segundo o que foi veiculado no jornal angolano de Arte e Letras, SAPO⁵, numa matéria sobre a obra de Orlando Victor Muhongo, autor da pesquisa intitulada “O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses”, dissertação que lhe rendeu o título de Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta (Portugal), abre-se uma discussão sobre a influência da cultura brasileira sobre os habitantes da cidade de Luanda como sendo uma variante da “globalização hegemónica”. Para Muhongo, contrariamente ao que sucede nas zonas rurais, as novelas exercem forte impacto nas cidades, embora com o passar do tempo já tenham chegado até as zonas rurais. De acordo com as referências retiradas da matéria, hoje os efeitos dessa influência já seriam visíveis em algumas zonas rurais de Angola, como o município de Marimba, localizado em Malanje (uma das 18 províncias de Angola), onde os sobas⁶ “apontam a brasileirização fomentada pelas telenovelas brasileiras como um elemento negativo”. “No nosso tempo”, afirmam os sobas, “não havia novelas”. (MUHONGO, 2018). Assim, embora a pesquisa delimite-se à cidade de Luanda, observa-se que o alcance das novelas e suas influências também são notáveis em outras províncias do país.

Na entrevista, Muhongo salienta que a televisão pública, assim como as escolas, “desenvolvem um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem para a construção da identidade nacional e cultural de um determinado povo”. Assim, ele ainda vai sublinhar que: “na sociedade angolana a ausência do espírito crítico derivada da fraca qualidade do ensino

⁵ Ver: <http://jornalcultura.sapo.ao/eco-de-angola/aculturacao-e-inducao-de-mudancas-comportamentais-em-o-impacto-das-telenovelas-brasileiras-nos-luandenses-de-orlando-victor-muhongo/video/> Acesso em: 22 novembro de 2020.

⁶ Chefe de povo ou de pequeno Estado africano.

atrai tudo quanto seja estrangeiro, favorecendo a importação de produtos culturais, que se traduz na imposição cultural, dependência cultural e, por último, na alienação cultural” (SAPO, 2018).

Como destaca Amina Mama, acerca da pesquisa acadêmica africana também sofrer influências de fora, ela diz que:

Os países africanos vêm enfrentando uma série de desafios à integridade, de maneira externa e interna, assim mostrando como os desafios externos representados pelo colonialismo e pela globalização tiveram impactos económicos e políticos negativos no desenvolvimento das instituições académicas de África e nas suas potencialidades intelectuais, acrescidos dos desafios em lidar ainda com regimes repressivos e forças conservadoras da sociedade civil (MAMA, 2010, p.16).

Ela também destaca que “a maior parte do que é recebido como conhecimento acerca de África é produzido no Ocidente”, além dos estudos africanos que dominam a produção do conhecimento sobre África estarem hospedado nos EUA. (MAMA, 2010, p.4)

Outro importante autor fundamental na reflexão sobre a incorporação de modelos vindos de fora é Paulin Hountondji (MAMA, 2010, p.3 apud HOUNTOUNDJ, 2002) que ao se referir ao pensamento "extravertido", aponta à incapacidade de descolonizar a vida intelectual como sendo uma ‘externalização’ persistente da pesquisa acadêmica africana, na qual é “caracterizada pelo recurso acrítico a paradigmas, conceitos e metodologias que são gerados no exterior e que reduzem a África a algo de simplista e homogeneizado” (MAMA, 2010, p. 4).

Na reportagem da Agência Angola Press (ANGOP)⁷, já citada na introdução, podemos observar a problemática da incorporação de valores externos, ou mesmo de conflitos entre padrões morais diferentes, como na fala do professor angolano entrevistado, quando ele afirmou que, “em Luanda as novelas estrangeiras, principalmente as brasileiras, podem influenciar negativamente a juventude angolana, através da transmissão de cenas de desrespeito e outras percas de valores morais que muitas vezes já vem se refletindo no dia-a-dia”. A partir dessa e de outras questões já colocadas, fica o questionamento de como ter alternativas de produção de conteúdo e conhecimento na mídia (em programas televisivos, telenovelas, filmes, etc.) menos extravertidos (que enfatizam a reprodução de padrões vindos de fora) e mais endógenos (que produzam e/ou reflitam mais sobre as realidades culturais locais)?

Ainda na percepção do docente entrevistado, “a juventude é a parcela da população mais socializável, aberta a incorporar coisas novas”, e, portanto, para ele os jovens teriam maior facilidade de “absorver coisas erradas”, além de “hábitos totalmente exógenos à sociedade” (exteriores, diferentes, que não condizem com os modelos culturais). Dessa maneira, a matéria

⁷Ver: http://cdn2.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2015/10/47/Angola-Novelas-influenciam-negativamente-juventude,db0f44ab-df17-46ee-b106-1aa157154601.html Acesso em: 21 de novembro 2020.

o entrevistado destaca que “vão aparecendo situações duvidosas que chegamos a pensar que nunca aconteceriam na sociedade angolana, uma série de fenômenos”, que segundo o professor anteriormente não se verificava na nossa sociedade angolana. (ANGOP, 2015).

Em entrevista informal sobre o tema das novelas com um estudante angolano da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – onde também estudo e realizo este projeto de TCC –, ele comentou que já assistiu várias novelas brasileiras que são transmitidas pela Televisão Pública de Angola, relatando como elas tiveram uma certa influência em certas ocasiões.

Já me senti influenciado, no meu modo de pensar e agir em determinadas situações por conta das encenações que as personagens propagam durante as novelas, chegando até mesmo a influenciar na maneira como eu falava, vestia e até mesmo no corte de cabelo que eu deveria fazer.

Falar sobre os sentidos de incorporação e imposição de valores é exatamente falar da implementação de hábitos e costumes que não identificam um determinado povo, e a televisão pode ser um veículo importante neste processo. Além disso, nos dias de hoje, as novelas, programas de entretenimento, reality show acabaram por substituir os cinemas, as salas de teatro e os livros. Vale lembrar que as cadeias televisivas ganham com as audiências e muitos desses programas, exibidos em horário nobre, acabam por estar nas grades de programação por ser o que o público mais pede, apesar de não ser o conteúdo na sua maioria que dialoga culturalmente com o povo do país em questão.

Logo penso, será que a TPA não poderia modificar este paradigma e se comprometer em alterar a linha editorial, diminuindo suas escolhas sempre mais voltadas ao que vem do exterior, e sim criar uma programação de forma a evitar o excesso dessas influências externas? Talvez não seja possível evitar totalmente as influências do exterior, mas ter mais opções e alternativas para as pessoas se verem como são, se identificarem umas com as outras, com programas que divulguem e valorizem também positivamente a cultura local.

Outra jovem angolana que também conversei na Unilab/CE e fiz uma entrevista informal para a pesquisa exploratória sobre o tema da influência das novelas brasileiras, disse que já assistiu várias novelas brasileiras e ainda assiste algumas até hoje, afirmando que toda novela tem dois momentos, “o bom e o mau”, podendo nos influenciar de ambas as formas, “principalmente quando a gente tá bem envolvido com os episódios que não perdemos nem se quer um”. Ela disse:

No que tange as novelas brasileiras tem um forte impacto em mim, de vez em quando sou influenciada de uma forma sutil a fazer certas escolhas por conta daquilo que as novelas refletem, na maneira como eu deveria vestir, principalmente por parte da atriz

principal, que acaba tendo sempre um diferencial na forma de vestir, andar, bem como outros aspetos que acabam espelhando uma realidade totalmente diferente da nossa realidade angolana principalmente em questão cultural.

Sobre a influência da televisão na construção das identidades (cultural e nacional) na contemporaneidade, de acordo com a perspectiva pós-moderna, o trabalho de Douglas Kellner (2001) nominado “A cultura da mídia”, frisa que à medida que o ritmo, as dimensões e a complexidade das sociedades modernas aumentam a identidade vai ficando cada vez mais frágil e instável, tornando-se “móvel, múltipla/fluida, pessoal, reflexiva e sujeita a mudança e inovações”.

[...] a televisão quer por meio de comercial, novelas e outros programas de entretenimento, são predominantemente regidas pela estética do realismo representacional, de imagem, histórias tentando fabricar um efeito real, mais que são rigorosamente subordinados aos códigos narrativos da história contada, e os acordos dos modelos já preestabelecidos (KELLNER, 2001, p.301).

Kellner percebe que a visão pós-moderna da televisão como imagem muitas vezes descentra a importância da narrativa. O autor dá exemplos dos programas norte-americanos (EUA) como programas pós-modernos, tais como, videoclipes da MTV, Miami Vice, Max e outros, que despertam um novo visual e um novo tipo de sentimento, mostrando como a imagem tem uma prioridade sobre a narração, visto que certas imagens acabam tendo grandes impactos, chegando a se transformar em “centro de fascinação, de prazer sedutor”, como tem sido no caso de muitas telenovelas.

De acordo com Kellner, a televisão tem tido grandes influências nos telespectadores/consumidores, acabando por desempenhar um grande papel na “arte de governar”. Pois, para ele, a TV tem uma influência na manipulação da demanda dos consumidores, chegando até a desempenhar um papel fundamental nas eleições, como o autor destaca, com base em muitos analistas, por meio de propagandas que nela são transmitidas antes e durante as campanhas eleitorais. (KELLNER, 2001, p.303) De tal modo, para o autor “a televisão e outras formas de cultura da mídia desempenham papel fundamental na reestruturação da identidade contemporânea e na formação de pensamentos e comportamentos” (KELLNER, 2001, p.304). Desta feita Kellner realça que, a televisão hoje em dia assume algumas das funções tradicionalmente atribuídas aos indivíduos numa ordem social, “celebrando os valores principais, oferecendo modelo de pensamentos, comportamento e sexo”, podendo influenciar os indivíduos quer de maneira positiva ou negativa.

Já no texto “A Construção da Angolanidade através da Comunicação Audiovisual”, Ledson Chagas (2009), compara dois produtos, um documentário e um programa de TV, que tematizam eventos importantes da história contemporânea angolana; a Guerra de Independência (1961 a 1975) e a guerra interna, no contexto da Guerra Fria., como sendo fatores que influenciaram no processo da construção da identidade.

No primeiro produto/documentário, Chagas (2009, p.2) profere sobre a questão da diversidade cultural, analisando como angolanos pretos, angolanos brancos (nascido em Angola, mas tendo pais portugueses) e os mulatos (os considerados mestiços na sociedade), lidavam com a questão da identidade nacional. Chagas teoriza sobre o conceito de “angolanidade”, na literatura.

Ao observar a política de assimilação colonial, o autor traz o depoimento do ex-bispo da Igreja Metodista, Emílio de Carvalho, que fala como deveria ser para obter um bilhete de identidade portuguesa, isto porque, “a nação angolana” só nasce com a independência nacional, em 1975.

O senhor para ser considerado assimilado (...) à cultura portuguesa, tinha que possuir o bilhete de identidade nacional português. E para possuir o bilhete de identidade, a nossa casa teve que ser visitada pelo administrador do conselho daquele tempo, para ver se nós comíamos com garfo, para ver se nós dormíamos numa cama. Nós não dormíamos numa cama, minha mãe arrumou o quarto de tal maneira naquele dia, que nós, quando o administrador apareceu, parecíamos que tínhamos a cultura portuguesa. E assim, foi-me outorgado o bilhete de identidade que me abriu as portas para entrar pro liceu⁸. E no liceu éramos poucos pretos. Contavam-se pelos dedos os pretos naquele tempo (CHAGAS, 2009, p.4).

Na época não era qualquer angolano que, se desejasse um documento ou identidade portuguesa lhe seria dado, era necessário que o indivíduo se incorporasse aos hábitos e costumes dos portugueses, como mencionado acima, teria que comer com garfo, dormir numa cama e se vestir igual a um português.

Outro depoimento que o autor traz é do escritor angolano Pepetela que afirma: “o colonizador aprende pouco com o colonizado. Porque tem desprezo pelo colonizado. Acaba por não ser capaz de reconhecer, de encontrar, digamos, a cultura do colonizado” (CHAGAS, 2009, p.7).

Em suma, o primeiro documentário destaca tanto a temática da exploração colonial no âmbito do trabalho obrigatório imputado aos negros, quanto a desvalorização da cultura dos povos nativos do território angolano pelo colonizador através da política de assimilação,

⁸ Estabelecimento de ensino de segundo grau.

movida por interesses econômicos, para enunciar um cenário da situação angolana pré-independência. O autor mostra como esse cenário demonstrava a insatisfação que o modelo colonial havia implementado, afetando até mesmo os angolanos brancos, no que se referia a disputa por empregos, a valorização social, em benefício de portugueses recém-chegados em Angola.

Na época o domínio colonial afetava negativamente quase a totalidade dos habitantes de Angola, na qual percebia-se a necessidade de buscar a independência nacional, era um objetivo que superava diferenças étnicas, fenotípicas ou de classe. Era um objetivo do, 'já configurado', povo angolano. (CHAGAS, 2009, p.7).

Essa necessidade levou à criação de partidos políticos para a luta de independência de Angola, que ocorreu anos depois em 1975, juntos dos três⁹ partidos políticos MPLA, UNITA, FNLA.

Já o segundo produto analisado, se refere ao programa de TV “Nação Coragem”, que Chagas explica ter sido uma revista eletrônica semanal, produzida pela Marketing Link, que teve participação de jornalistas e publicitários brasileiros, contratada pelo Ministério das Comunicações de Angola. O programa, criado em 1999, quando ainda havia guerra civil no país, era exibido na Televisão Pública de Angola (TPA), nas segundas-feiras. Segundo o autor, o programa tinha um quadro chamado “Ponto de Reencontro” no qual vários angolanos deixavam mensagens à procura de parentes e amigos desaparecidos durante os anos de guerra, e que depois da guerra terminada, foi substituído por “Angola em Movimento” (CHAGAS, 2009, p.158).

Angola é um país que não conta com uma única língua, embora tenha o português como língua oficial, convive com outras línguas nacionais, mas que, no entanto, têm diminuído progressivamente o número de falantes. Então, segundo o autor, em termos linguísticos e também raciais não há uma unidade, ainda que em pequeno número, isto porque, há angolanos brancos e também mestiços, sendo a maioria negra. Assim, para Chagas (2009, p.14), a experiência histórica da luta e da vitória contra a colonização é referida como “fundamento da cultura étnica e da identidade étnica ilusória”, encontrando-se em plena construção em Angola. Por essa razão, ele destaca a importância do relato histórico, mas, também, das permanentes mensagens com foco na integração nacional divulgadas por esses programas, que ajudam na preservação e valorização da identidade.

⁹ MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), (UNITA) União Nacional para a Independência Total de Angola) e a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola).

O pressuposto do presente projeto, a sua importância, é que estudar a influência das telenovelas (por meio da Televisão Pública) na sociedade pode aprofundar a compreensão de diversificadas estruturas sociais e de poder exógenas na contemporaneidade, com imposições de novos e/ou manutenção de antigos modelos importados ou impostos de fora para dentro (primeiro com a colonização, depois com a globalização no período pós-colonial). Esses modelos são incorporados do ocidente (se recriando e se transformando), sobretudo, hoje em dia, sem que pareça haver muita preocupação com a compreensão desses modelos e valores externos por parte das pessoas que assistem às novelas, bem como com a valorização da cultura angolana. Desse modo, a pesquisa ainda pode chamar atenção para a importância não de acabar/proibir esses conteúdos, mas da TV pública e da própria sociedade observar a necessidade de investimentos em programações que também apoiem, valorizem e divulguem as culturas locais.

3. DISCUSSÃO TEÓRICA

A TV como um meio de comunicação em massa, pode nos proporcionar informação, entretenimentos comerciais a nível nacional e internacional, tendo um grande impacto na vida dos telespectadores, independentemente da idade, raça ou classe social. Como destaca Ricardo Campos no artigo “Cultura visual e o olhar antropológico”, a cultura visual de uma comunidade é constituída não apenas pelas suas criações, pinturas e escritas, mas também, pelas “gramáticas visuais e suas formas de comunicação, suas relações sociais, culturais e simbólicas que se estabelecem no âmbito da fabricação e partilha dos bens visuais” (CAMPOS, 2012, p. 21-22).

Segundo o autor, a “cultura visual pode ser entendida, em primeiro lugar, como um repositório visual associado a contextos coletivos e particulares” (CAMPOS, 2012, p. 24).

Aprendemos com os cientistas sociais que a cultura é construída socialmente, não é dada no nascimento e se transforma no tempo histórico, também dependendo do contexto social. Como realça Roque Laraia (2009, p.67) apud Ruth Benedict (2007), “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, têm visões diferentes das coisas”. O autor ainda nos mostra que mesmo numa sociedade isolada a cultura vai sempre estar em movimento, sendo criada e recriada continuamente, pois a mudança cultural, de acordo com Laraia, não é algo que ocorre apenas no contato entre sociedades distintas, ocorre também no interior das sociedades, só que de forma mais lenta.

No entanto, já os contatos externos, seja nos movimentos de diáspora e/ou com a globalização (via também a veiculação de programas estrangeiros pela TV) podem acelerar esses processos de mudança colocando indivíduos de sociedades diferentes em contato permanente. Desse modo, poderíamos supor que a veiculação de programas estrangeiros pela TV também seria um motor de mudança cultural?

A herança cultural de um povo se desenvolve através das suas inúmeras gerações, que tendem a preservar/defender seus hábitos e costumes em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade, como nos indica Laraia (2009) ao abordar os comportamentos considerados “desviantes”.

Por exemplo, em certas províncias de Angola a poligamia é encarada como algo normal, que há muito tempo já foi padronizado no sistema cultural entre algumas etnias. Com certeza essa atitude (padrão cultural) varia em outras culturas, como na Europa onde as pessoas têm um olhar sobre a poligamia muito diferente das sociedades angolanas.

Como observou Laraia “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2009 p.68). Desta feita, para o autor, nós passamos a entender que indivíduos de uma determinada cultura, podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sorrir, de fazer seus rituais religiosos, fúnebres ou de casamentos, sem falar da evidência das diferenças linguísticas.

Contudo, Laraia (2009) também sublinha que quando observamos o mundo através da nossa própria cultura, temos como consequência considerar o nosso modo de vida como o mais “correto” e mais “natural”. Essa seria uma “tendência etnocêntrica”, que o autor observa ter levado a muitos casos de conflitos sociais os quais podem variar em diferentes graus de exclusão e violência, desde um simples estranhamento ao costume divergente às situações de racismo e xenofobia (aversão ao estrangeiro). E para ele, “o costume de discriminar os que são diferentes, porquê pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade” (LARAIA, 2009 p.74), o que foi observado em relação à atitude de discriminar aqueles que não se adequam ao “comportamento” padrão definido dentro da sua própria comunidade, como exemplificado por ele acerca dos conflitos entre gerações.

Desse modo, podemos perceber com a leitura de Laraia (2009) sobre o conceito de cultura que existem dois tipos de mudança cultural, uma que é interna, na qual resulta da

dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que resulta do contato de um sistema cultural com um outro.

No primeiro caso, a mudança pode ser lenta, quase imperceptível, para o observador que não tem o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato. O segundo caso, como vimos na formação do Manifesto sobre aculturação, pode ser mais rápido e brusco. No caso dos índios brasileiros, representou uma verdadeira catástrofe. Mas, também, pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas. (LARAIA, 2009 p.96).

Assim, percebemos que o sistema cultural está sempre em mudança, sendo necessário, segundo adverte Laraia estarmos atentos aos choques entre as gerações e “evitar comportamentos preconceituosos”. (LARAIA, 2009, p.101)

Antes de adentrar o tema das identidades culturais na contemporaneidade, um breve levantamento teórico sobre o conceito de identidade nacional e cultural faz-se necessário. A identidade nacional é um assunto que tem sido bastante abordado durante muitas décadas, tendo em conta a sua importância, que ainda muito influência na contemporaneidade. Muitos são os autores que falaram (e ainda falam) sobre o tema da identidade nacional, do nacionalismo e da nação, um desses autores clássicos é Benedict Anderson.

O Anderson (1989) definiu a nação como uma “comunidade imaginada”, sublinhando que a imaginação denota a diferença de uma “comunidade real”. É imaginada porque os membros de uma determinada nação, por mais pequena que fosse, jamais se conheceriam, se encontrariam a todos ou ouviriam falar de todos os seus ancestrais, embora segundo o autor, todos teriam em mente “a imagem viva dos laços” que os uniam. Assim, para ele uma nação existe enquanto muitas pessoas se consideram uma nação.

Anderson também nos mostra que não há nenhuma definição amplamente aceita de nação. Isto é, segundo ele, “ninguém foi capaz de mostrar de forma conclusiva sua modernidade ou antiguidade”, assim, discordando sobre as origens da nação e também de seu futuro. Essas incertezas também mostraram que é sempre mais provável encontrar os autores discordando uns dos outros quando se trata do nacionalismo: “olhando para horizontes diferentes e obscuros” (ANDERSON, 2000, p.7).

Sobre esse tema Anderson afirmou que “só era possível pensar no nacionalismo em termos comparativos e globais, ao mesmo tempo em que só era possível senti-lo – e agir politicamente com base nele – em termos particulares” (ANDERSON, 2000, p. 8). Com isso, afirma que um sentimento de pertencimento à nação passa a existir baseado em uma

identificação étnica, racial e cultural, quando se proclama a independência e a liberdade frente às antigas estruturas de dominação, ignorando as desigualdades que pudessem existir numa determinada comunidade, com a ideia então de uma homogeneidade, buscando algo que pudesse unir as diferenças.

Anderson argumenta ainda uma ideia da nação como uma comunidade limitada por “fronteiras finitas”, para além das quais existem outras nações e “nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade” (ANDERSON, 2008). Outro ponto importante destacado seriam as línguas. Para ele, todas as grandes comunidades clássicas se consideravam centrais através de uma língua sagrada ligada a uma ordem dependente de poder. Mas ressalta que essas comunidades clássicas tinham um caráter diferente das comunidades imaginadas das nações modernas. Uma diferença fundamental, definida por Anderson, era a confiança das comunidades mais antigas no sacramentalismo (crenças de que certos atos religiosos conferem a graça de Deus) único de suas línguas, e que derivam das ideias que tinham sobre a admissão de novos membros. Diferente daquele período, argumenta o autor, em que os Estados eram definidos por centros, com fronteiras indeterminadas, mantendo seu domínio sobre populações heterogêneas, e expandindo-se não só pela guerra, mas também por uma política sexual de casamento entre dinastias, “hoje o Estado opera sobre cada centímetro de um território legalmente delimitado” (ANDERSON, 2008, p.70).

Sobre a construção da nação, Anderson (2000) destacou a importância do capitalismo editorial, afirmando que:

O elemento que talvez mais catalisou e fez frutificar essa busca (de uma nova maneira de unir significativamente a fraternidade, o poder e o tempo) foi o capitalismo editorial, que permitiu às pessoas, em números sempre maiores, viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais maneiras radicalmente novas (ANDERSON, 2000, p. 70).

O capitalismo editorial constituía-se, na visão do autor, na junção das possibilidades do capitalismo à tecnologia de imprensa, criando de “modo inteligente uma homogeneidade na diversidade de línguas humanas” e essa homogeneidade, como observou Anderson, “é um sinal de fronteiras linguísticas e cognitivas que viriam a consolidar-se enquanto alicerces para o surgimento da nação moderna” (ANDERSON, 2000, p. 70).

Desse modo, a “questão nacional” foi abordada ao longo do século XX de formas variadas, com os autores defendendo nascimentos diferentes para a nação, nacionalismo e nacionalidade, embora muitos também concordassem que a nação era a base do Estado-nacional. Lord Acton (2000), observou o Estado como formador da nacionalidade e não o

contrário. Considerou positiva a coexistência de nações em um mesmo Estado, afirmando que “o nacionalismo representava um retorno às premissas étnicas do mundo antigo, onde os laços ‘meramente naturais’ de parentesco e ascendência étnica forneciam a base da associação política”. (ACTON, 2000, p. 218). Ele ainda justificou a ascensão da nação não pelo nacionalismo, mas sim o nacionalismo a partir das nações, afirmando que “são forças superiores em termos de poder que causam o efeito de nacionalidade nas comunidades”.

Gopal Balakrishnan (2000, p.224) por sua vez, defende o nascimento do nacionalismo a partir de um sentimento nacional compartilhado pelos membros de uma comunidade, definindo a nacionalidade como “uma forma cultural, social ou política singular de vida, que uma sociedade inteira pode assumir, por meio de hábitos e costumes” (Balakrishnan, 2000, p.224). Dessa forma, concorda com Benedict Anderson (2008, p.39), que afirma que o nacionalismo surge a partir da união dos cidadãos em torno de um sentimento compartilhado, de modo que as sociedades não são mais imaginadas em torno de uma imagem central, aprovada pelo poder divino, mais sim em torno de uma “consciência nacional”, destacando tanto a nacionalidade como o nacionalismo como “entidades culturais de um tipo peculiar”.

Já Partha Chatterjee (2000, p. 228) vem chamar atenção que “o nacionalismo era geralmente considerado uma das mais magníficas dádivas da Europa ao resto do mundo”. Ele argumenta que foi com a colonização que os europeus iniciaram o processo de invisibilização de vários povos, tratando-os como inferiores, principalmente na África, onde várias sociedades foram obrigadas a adotar hábitos e costumes europeus, por meio do que ele chamou de um “processo de reprodução civilizatório”. Ao analisar a ideia de “comunidade imaginada” de Anderson, Chatterjee ressaltou que “os antigos colonizados precisam ter a liberdade de estabelecer a própria liberdade de imaginação de suas próprias nações e a liberdade de imaginação nacional fora dos modelos já estabelecidos pela Europa e pela América” (CHATTERJEE, 2000, p. 228), e que para o Ocidente, o nacionalismo, “tal como as drogas, o terrorismo e a imigração ilegal, é mais um produto do Terceiro Mundo do qual o Ocidente não gosta, mas que é impotente para proibir” (CHATTERJEE, 2000, p. 228).

Anderson (2000, p.229) demonstrou que as nações não são os produtos determinados de certas “condições sociológicas”, como a “língua, a raça ou a religião”, para ele, na Europa e em todas as outras partes do mundo elas tinham sido trazidas à vida pela imaginação. Sobre esse ponto, Chatterjee reconheceu a importância do estudo e dos conceitos que Anderson trouxe, mas faz uma objeção à sua tese dizendo:

Se o nacionalismo do resto do mundo têm de escolher suas comunidades imaginadas entre certas formas “modulares”, já colocada a seu dispor pela Europa e pelas as

Américas, que lhes resta imaginar? A história, ao que parece, teria decretado que nós, do mundo pós-colonial, seremos apenas os perpétuos consumidores da modernidade.” (CHATTERJEE, 2000, p. 229).

Desse modo, o autor questiona se a imaginação de outros povos asiáticos ou africanos precisa continuar a permanecer colonizada, afirmando que “os resultados mais significativos e poderosos da imaginação asiática e africana se baseiam não em uma identidade, mas em uma diferença em relação às manifestações da sociedade nacional da modernidade ocidental” (CHATTERJEE, 2000, p. 229). Pois, na interpretação do autor, “o nacionalismo anticolonial cria seu próprio campo de soberania, dentro da sociedade colonial, muito antes de iniciar sua batalha política contra o poder imperial” (Chatterjee, 2000, p. 230).

Assim, o mundo é dividido, de um lado as instituições e do outro as práticas sociais: o material e o espiritual. O domínio material (externo) seria o campo em que o Ocidente provou sua superioridade submetendo o Oriente por meio da economia, da política, da ciência e tecnologia. Já o domínio espiritual (interno) seria marcado pela identidade cultural. Com isso, Chatterjee afirma que “quanto mais sucesso se obtém na imitação das aptidões ocidentais no campo material, maior a necessidade de perseverar a singularidade da cultura espiritual. Essa fórmula, é um traço fundamental dos nacionalismos anticoloniais da Ásia e da África” (CHATTERJEE, 2000, p. 231).

E na sua objeção ele apresenta outros elementos que podem ser comparados ou não aos pressupostos trazidos por Anderson, principalmente no que consiste à experiência da Índia:

A intelectualidade bilingue passou a pensar em sua própria língua como pertencendo ao domínio interno da identidade cultural, do qual o intruso colonial tinha que ser mantido afastado; a língua, portanto, tornou-se uma zona em que primeiro a nação teve de declarar sua soberania, para depois transformá-la, a fim de torná-la adequada ao mundo moderno (CHATTERJEE, 2000, p. 231).

A língua passou assim, na concepção do autor, a se tornar um elemento de unidade do nacionalismo, sem que as influências modulares das línguas e literaturas europeias modernas produzissem, necessariamente, consequências similares. Embora, ele admita que as “influências europeias tinham sem dúvida moldado o discurso crítico explícito” (CHATTERJEE, 2000, p. 231).

Amina Mama (2005) também questiona a aplicabilidade da famosa teorização de Benedict Anderson sobre o nacionalismo para o continente africano, afirmando que sua tese se torna duvidosa em contextos em que o aparelho que produz as identidades nacionais se manteve relativamente subdesenvolvido. Pois, segundo ela, “em grande parte da África, as identidades nacionais sempre foram mal alicerçadas e sujeitas a uma permanente contestação, nunca

logrando sobrepor-se ao pulsar multi-étnico, multilíngue e multi-religioso do continente.” (MAMA, 2005, p.19). Assim, Mama afirma que as identidades nacionais, em grande parte, têm-se mantido em formação, “mostrando-se menos homogêneas, imaginadas com menos nitidez, e mais precárias”. Neste sentido, ela sublinha que as identidades pan-africanas, diferente das identidades nacionais, “vêm sendo imaginadas há bem mais tempo, assim como muitas das identidades comunitárias mais indígenas de África” (MAMA, 2005, p.19-20).

De maneira que ela afirma que hoje em dia os africanos entendem a ‘africanidade’ como algo que é “múltiplo, fluido, histórica e institucionalmente construído de acordo com as diversas dimensões da diferença, resultado dos processos e lutas sociais”. Juntamente das divisões culturais e dinâmicas internas (diferença sexual, a sexualidade, a classe, a etnicidade, a religião, etc.), bem como as influências externas relacionado a um espaço cultural global (MAMA, 2010, p.19).

No que tange a construção das identidades culturais na contemporaneidade, resalto o trabalho de Stuart Hall, intitulado “A identidade cultural na pós-modernidade”, que indaga as razões de uma “crise de identidade”, que tem ameaçado o sujeito no final do século XX e durante o século XXI, dividindo “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”, dentro dos Estados nacionais (HALL, 2006, p.9).

Hall afirma que o sujeito pós-moderno não possui apenas uma única ou permanente identidade, mas várias, das quais algumas são contraditórias e outras não são resolvidas. Esse sujeito da “modernidade tardia”, segundo o autor, celebra a identidade “móvel”, pois o indivíduo “assume identidades diferentes em diferentes momentos”, e esse deslocamento constante tornaria a identidade “plenamente unificada, segura e coerente como uma fantasia” (HALL, 2006, p. 12-13). Contudo, segundo ele, essa “fantasia” não seria mais possível de ser atingida ou alcançada nos dias atuais. Pois, as sociedades modernas são, de acordo com Hall, “sociedades de mudança constante, rápida e permanente, que por sua vez são caracterizadas pela diferença”. Isto é, “elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes identidades” (HALL, 2006, p. 14), podendo afetar de forma bem mais intensa as trocas e aprendizados culturais.

Essas mudanças que as pessoas são obrigadas a conviver na pós-modernidade fazem-lhes jogar o “jogo de identidades”, como realça o autor. Significa que cada pessoa em determinadas circunstâncias se posicionará de acordo com a identidade que mais se identifica. Tendo em conta algumas observações do autor as identidades seriam contraditórias, com essas

contradições atuando tanto dentro como fora da cabeça de cada indivíduo. Desse modo, para Hall, “nenhuma identidade é singular; a identificação não é automática, podendo ser ganha ou perdida” (HALL, 2006, p. 20-25). Assim, diferenças em contato na pós-modernidade (e em processo de globalização), segundo ele, tanto poderiam produzir uma afirmação das identidades de origem como a produção de novas identidades (HALL, 2006, p.84).

Outro autor importante para pensar o conceito de cultura e identidade étnica é Fredrik Barth que descreve que “a cultura está em um contínuo fluxo estruturado e expresso nas interações sociais entre os agentes, o que gera processos de transformação e variação cultural dentro de todos os grupos sociais” (BARTH, 2005, p. 15). Sendo incorporada nas pessoas por meio da experiência, para identificá-la temos de ser capazes de indicar e reconhecer que elas são constantemente geradas pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado, de maneira a perceber que a cultura não é estática em nenhum lugar. De tal modo, Barth (2005) leva-nos a pensar a cultura como algo partilhado por meio das pessoas, entre as pessoas, como resultados das suas experiências, de maneira a entender que a cultura está sempre em fluxo e em mudança, mas também, sem esquecer, que está sempre sujeita a formas de controle.

Dessa forma, a partir das leituras aqui destacadas, é que pretendo observar e refletir sobre as influências que as telenovelas brasileiras (suas formas de controle social e imposição de modelos culturais extravertidos), podem ter na juventude angolana, mas observando também as mudanças e dinâmicas culturais menos no sentido de uma “aculturação” (simples assimilação de modelos), e mais do ponto de vista das reinvenções culturais, trocas de experiências, aprendizados e ressignificações de códigos culturais.

Isto é, seria refletir sobre as múltiplas possibilidades da juventude angolana representar padrões culturais vindos de fora (no modo de vestir, falar, interagir, etc.), mas sem necessariamente modificar os próprios modos angolanos de interação, sem deixar a sua própria cultura de lado. Sendo mais como uma forma de jogar com as diversas representações identitárias, dependendo das situações, podendo gerar novas formas de interação, por conta da globalização, mas que não deixam de ser também angolanas. Diante desse contexto, a pesquisa questionará também de que forma a Televisão Pública de Angola poderia contribuir mais significativamente na valorização, divulgação e fortalecimento das identidades nacionais e culturas locais de maneira a reavaliar e construir sua linha editorial por meio de uma programação mais endógena.

4. REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Segundo Miriam Goldenberg (2004), a pesquisa em Ciências Sociais é uma indagação minuciosa em uma determinada área do saber, com finalidade de dar resposta às questões levantadas a nível científico, social e cultural, sendo necessário “criatividade, disciplina, organização e modéstia por parte do pesquisador, de maneira a possibilitar o desenvolvimento de novos conhecimentos”. (GOLDENBERG, 2004, p.13). Assim, para dar resposta a problemática sobre as influências que as telenovelas brasileiras podem ter na juventude angolana que vive na capital, buscaremos a utilização do método de pesquisa qualitativa, frequentemente utilizada nas pesquisas em Ciências Sociais.

Goldenberg (2004, p.14) nos diz que na pesquisa qualitativa “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”, de modo a permitir um maior controle, buscando casos concreto que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos o sujeito da pesquisa. Já para Marconi e Lakatos (2010, p.268) “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento”.

Durante a execução do projeto, foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória para embasar as questões, justificar a importância do tema e construir a pergunta de pesquisa. Como descrito por Antônio Gil (2002, p.41), a pesquisa exploratória envolve “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado de modo a estabelecer uma fronteira para possibilitar uma aproximação teórica”.

A pesquisa será realizada por meio de dois procedimentos metodológicos, na primeira etapa, será feita uma pesquisa bibliográfica, previamente com livros, artigos, teses, relatórios, dissertações, e outros materiais que abordam acerca do tema proposto. Para Gil (2002), esse tipo de pesquisa bibliográfica possui suas vantagens, pois permite ao pesquisador “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2002, p.45). Tal como, também realça Goldenberg (2004, p.36), o método bibliográfico em “ciências sociais vem, necessariamente, acompanhado de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido”. Essa técnica irá ajudar a obter diversas informações em relação a temática, levando a uma compreensão mais ampla das questões e problemáticas propostas pela pesquisa.

Na segunda etapa, será realizada uma pesquisa de campo¹⁰, tendo como técnica a observação participante e entrevistas semiestruturadas, com jovens angolanos/as estudantes dentro e fora da Unilab, nas comunidades de Redenção e Acarape, que foram/são consumidores das novelas brasileiras, pensando na equidade de gênero, trazendo homens e mulheres, por meio de uma conversa mais formal sobre o tema, com a utilização de gravador para as entrevistas. Essa escolha vai permitir, que os jovens reflitam sobre as atitudes que as novelas ostentam. Também com o intuito de criar relação de confiança, embora eu seja angolano isso me levaria a fazer uma observação participante nativa, quando o “observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga”, tendo certas vantagens pois irá, “facilitar o rápido acesso a dados, possibilitar o acesso a dados (informações privilegiadas) que a comunidade ou grupo considera de domínio privado e possibilitar captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados” (GIL, 2002, p.103 apud Kluckhohn, 1946, p. 103-18). Embora sendo uma observação participante nativa, é importante que os entrevistados participem da entrevista mediante assinatura do termo de consentimento.

Como observado por Marconi e Lakatos (2010, p.195), a entrevista semiestruturada é uma “forma de poder explorar mais amplamente uma questão”. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal, porque irá nos proporcionar uma possibilidade de conseguir informações mais precisas. Nesta segunda etapa, três aspectos serão de suma importância durante a entrevista, para obtenção de informações mais precisas, o “Olhar, Ouvir e Escrever”, segundo a técnica elaborada por Oliveira (1996, p.1). De acordo com o autor, “o olhar”, como o primeiro aspecto essencial, vai permitir que o pesquisador faça uma “observação e entrevista profunda” de maneira a “evitar a produção de dados que fundamentam uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas”, como também argumenta Goldenberg (2004, p. 47).

Diante deste mesmo contexto, Roberto Oliveira, destaca que esse olhar não deve ser estático, ele estará “previamente alterado por conta da leitura teórica feita antes da entrada no campo”. Sendo que o pesquisador não deve olhar para o objeto com “ingenuidade, com mera curiosidade diante do exótico, porém com um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível.” (OLIVEIRA, 1996, p. 16). Para isso é importante que o pesquisador tenha um olhar

¹⁰ Referente a pesquisa de campo, levando em conta o contexto epidêmico que estamos vivenciando, as entrevistas poderão ser realizadas no formato online.

peculiar, pois vários fatores podem influenciar esse olhar, desde a sua subjetividade, sua cultura e suas experiências.

Quanto ao segundo aspecto Oliveira (1996) frisa que o “Ouvir” complementa o “Olhar”:

Por isso, a obtenção de explicações, dada pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam de "modelo nativo", matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da “entrevista”, portanto, de um Ouvir todo especial. Mas, para isso, há de se saber ouvir (OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Leva-nos então a perceber que a melhor maneira de coletar informações mais essenciais dos entrevistados/as é tornando a entrevista numa conversa informal, de maneira adaptável o pesquisado passa a ser um interlocutor e não um informante. De modo a minimizar a relação de poder do pesquisador (etnólogo) em relação ao entrevistado/pesquisado, o pesquisador passa a estabelecer um diálogo (interlocução) com os sujeitos da pesquisa, buscando exercer um ato de ouvir com mais diálogo. Isto porquê, segundo Oliveira, “no ato de ouvir o ‘informante’, o etnólogo exerce um ‘poder’ extraordinário sobre o mesmo, ainda que ele pretenda se posicionar como sendo o observador neutro possível, como quer o objetivismo mais radical” (OLIVEIRA, 1996, p. 20).

Essa adaptação vai tornar a entrevista numa conversa que permitirá o ouvir, como comentado pelo autor, levando a um diálogo mais aberto, onde tanto o pesquisador quanto o entrevistado serão interlocutores o que fará com que a entrevista se torne numa conversa mais amigável. As informações serão registradas por meio de um gravador de voz e apontadas em um caderno de campo. Desta feita a pesquisa ganhará qualidade dependendo da capacidade do pesquisador de saber ouvir sem contaminar a fala do interlocutor enquanto se expressa.

Em relação ao terceiro aspecto, não menos importante, “Escrever”, Oliveira (1996, p.22) salienta que “se o Olhar e o Ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo”, o ato de “Escrever” se torna essencial na “configuração final do trabalho”, após a coleta dos dados. É uma etapa crítica para a questão do conhecimento, quando o pesquisador se distancia do campo para fazer a compilação e análise das informações coletadas para a obtenção e escrita dos resultados da pesquisa.

5. CRONOGRAMA

Étapas	jan-fev	mar-abr	mai-jun	jul-ago	set-out	nov-dez
Levantamento bibliográfico/ Revisão da literatura	X	X				
Observação e Entrevistas		X	X			
Transcrição e Análise das Entrevistas			X	X		
Redação do trabalho de monografia				X	X	
Revisão da Redação final						X
Defesa do trabalho						X

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTON, Lord. Nacionalidade. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ADICHIE, Chimamanda. O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, pp. 46- 59, jul./dez. 2014. ISSN: 2176-381X. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

ANDERSON, Benedict. Noção e consciência nacional. São Paulo: Ática. 1989.

_____. Comunidade imaginada: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo/ Benedict Anderson; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Introdução. In: Balakrishnan, Gopal (org.) **Um mapa da questão nacional**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 7-22.

BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o Conceito de Cultura**. Antropolítica. Tradução: Paulo Gabriel HILU da Rocha Pinto. Niterói, n. 19, p.15-30, 2. sem. 2005

BALAKRISHNAN, Gopal. A imaginação nacional. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CAMPOS, Ricardo. “**Cultura Visual e o olhar antropológico**”. *Visualidade*. V. 10, N. 1: 17-37 ISSN 1679-6748.

CHAGAS, Ledson. **A Construção da Angolanidade através da Comunicação Audiovisual**. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Teresina – 14 a 16 de maio de 2009.

GIL, Antônio Carlos, 1946 **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** / Mirian Goldenberg. – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUIDE, Antônio Marcos. **TPA – O MODELO DE TV PÚBLICA DE ANGOLA**. Dissertação (Mestre em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUNTONDJI, J. Paulin « **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos** », *Revista Crítica de Ciências Sociais*, criado a 19 abril 2019.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**/ Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. 25.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LOURENÇO, Augusto. **Marcas Culturais da Telenovela Roque Santeiro em Angola**. In: III INTERPROGRAMAS – XVI SECOMUNICA, ISSN 2526-382X. 2017, Brasília DF. Anais, - Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2017.

LOPES, Jade. **Poder brando e cultura nas relações internacionais**. TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Porto Alegre, 2016.

MUNHONGO, Orlando. **O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses**. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) – Universidade Aberta. Lisboa, 2016.

MUNHONGO, Orlando. Aculturação e indução de mudanças comportamentais em “O impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses”. *Cultura. Jornal de angolano de Arte e Letra*

(SAPO). Luanda, 09 de outubro de 2018. Eco de Angola. Disponível em: <http://jornalcultura.sapo.ao/eco-de-angola/aculturacao-e-inducao-de-mudancas-comportamentais-em-o-impacto-das-telenovelas-brasileiras-nos-luandenses-de-orlando-victor-muhongo/video/> Acesso em: 22 novembro de 2020.

MAMA, Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: MAMA, Amina. **Epistemologias do sul** [livro eletrônico] / Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses [orgs.]. São Paulo: Cortez, 2013.

Novelas influenciam negativamente a juventude. Agência Angola Press (ANGOP), Luanda, 20 de novembro 2015. Sociedade. Disponível em: http://cdn2.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2015/10/47/Angola-Novelas-influenciam-negativamente-juventude.db0f44ab-df17-46ee-b106-1aa157154601.html . Acesso em: 21 de novembro 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37.